

ACOSTUMADOS COM A INFIDELIDADE (ou: A teoria dos 35%)

Pesquisas indicam que a grande maioria das igrejas tem uma média de 35% de seus membros dizimistas. Os próprios líderes de diferentes denominações evangélicas declaram que essa é uma média já tradicional, de vez em quando se supera um pouco isso, mas em geral, o sustento da igreja local, da obra missionária e das iniciativas sociais é feito com **APENAS** 35% dos membros das igrejas. Esse é um percentual muito baixo. Se alguém dissesse que você tem apenas 35% de chance de viver realizando uma cirurgia, imagino que acharia um índice perigosamente baixo e possivelmente recusasse se submeter ao procedimento cirúrgico. Se lhe oferecessem apenas 35% do salário prometido você imediatamente discordaria e diria: "mas, isso é pouco!" De fato um percentual desses - menos da metade - é muito pouco. Porém, tratando-se de igreja, parece que nos acostumamos e nem mais nos espantamos com os 35%. Achatamos nossos orçamentos, suprimimos importantes investimentos e criamos uma cultura de miséria, oferecendo salários baixos a ministros, funcionários e missionários e utilizamos sempre o que há de mais barato em nossa estrutura - o que às vezes acaba custando bem caro a curto ou médio prazo. Nossa justificativa é politicamente correta - "devemos ser bons mordomos e fazer o melhor com o menor preço" - mas espiritualmente errada. A questão não é economia e sim fidelidade. Por nos acostumarmos com esse percentual tão baixo acabamos transformando os 35% em nosso 100% e vivemos muito aquém do verdadeiro potencial financeiro do povo de Deus.

Não apenas a igreja se acostumou com a fidelidade de apenas 35% de seus membros mas os 65% de membros não dizimistas se acostumaram em ser infiéis. Seria mais brando utilizar outra palavra, mas o correto é falar em termos de fidelidade mesmo. Esse é o termo Bíblico. Não estamos falando de inadimplência, mas sim de fidelidade. Não somos sócios, parceiros ou condôminos. Nós somos servos de Deus e membros de um corpo. Fomos chamados à fidelidade em todas as áreas, inclusive financeira. É espantoso saber que parte desses 65% é mais fiel a um clube onde são sócios e mensalmente pagam suas mensalidades ou ao próprio condomínio onde moram. Como entender uma pessoa que é mais fiel nas coisas desta vida do que para com as coisas de Deus?

Muitos argumentam que essa infidelidade é devida a falta de ensino em nossas igrejas. Talvez para um ou outro seja mesmo. Para a maioria, porém, a razão é outra: se acostumaram. Alguns ainda se escondem atrás de alguma desculpa esfarrapada, aliviando um pouco a consciência. Outros nem isso. Agem como se sustentar a obra de Deus fosse algo opcional, coisa a ser feita quando e se houver vontade. Há também os que publicamente dizem que administram seu próprio dízimo dando a quem quiserem e investindo naquilo que gostam. Chegam até a colocar notas fiscais dentro de envelopes. Outros, citando maus exemplos de líderes evangélicos que roubaram suas igrejas dizem que não querem correr esse risco. Não falta argumentação e criatividade para justificar a infidelidade. Mas todos eles esbarram no mesmo princípio: "Roubará o homem a Deus? Todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas" (Malaquias 3:8).

Crentes novos, crentes antigos, líderes, ricos, pobres, os 65% que se acostumaram com a infidelidade são um grupo formado por todas as categorias de membros da igreja. A única diferença está no tempo em que nutrem esse costume. A pergunta a ser feita é: até quando? Nossas igrejas continuarão carregando essa marca dos 35% até quando? Aqui podemos incorrer em um outro problema: nos acostumarmos também com a infidelidade e a acharmos comum, natural e nem um pouco contraditória.

Não podemos nos acostumar. Nem tampouco podemos criar meios fantasiosos ou ilusórios para encobrir ou justificar a verdade expressa nos 35%. Ainda que todas as igrejas do mundo se acostumem, nós não. Isso não é saudável para a vida da igreja. Não podemos nos igualar ao conhecido personagem chamado de "mancebo de qualidade" que preferiu deixar Cristo do que entregar o seu dinheiro, conforme o Senhor lhe havia pedido (Lucas 18:18-23).

Você faz parte do grupo dos 65% que se acostumou com a infidelidade? Caso afirmativo, chegou a hora de consertar esse mal hábito. É óbvio que não incluo nesse percentual aqueles que não tem renda, se bem que já vi muitos irmãos fiéis que dizem de bicos, ofertas recebidas ou então chegam a abrir mão de algum gasto extra para poderem investir na obra de Deus por entenderem que isso é mais do que uma ordenança: é um privilégio.

Chegou a hora de aumentarmos o percentual de fiéis, testemunhando na prática do nosso amor pela obra de Deus e obediência. A igreja que nasceu no Pentecostes (Atos 2) entendeu a importância da entrega e todos faziam questão de deixar suas ofertas aos pés dos apóstolos como um ato de culto, submissão a Deus e investimento na obra do Senhor. Hoje ao darmos nossos dízimos e ofertas repetimos o mesmo ato de entregar aos pés dos apóstolos, com a diferença de termos envelopes, conta bancária e até máquinas de cartão de débito ou crédito. O princípio é o mesmo: entregar e participar da obra.

Se a Bíblia não o convence de ser dizimista então use o bom senso: uma igreja tem seus gastos de manutenção, seus projetos e seus investimentos. Todos nós usamos os serviços dessa estrutura e somos abençoados por coisas que custam dinheiro. Então, sabendo que nada do que usufruímos é gratuito, dizimar é tanto obediência a Deus como também consciência de que fazemos parte de uma comunidade onde cada pessoa participa com dignidade e alegria do sustento da obra e tem papel fundamental no crescimento e manutenção da mesma.

Nós podemos e devemos mudar esse percentual. Eu creio firmemente que isso pode acontecer. E quando acontecer, através da conscientização de todos e também disciplina nesta área tão importante de nossa espiritualidade, teremos muito melhor condição para nos posicionar neste mundo como filhos de um Deus que é dono da prata e do ouro –ou seja, de toda riqueza econômica do planeta (Ageu 2:8). Nosso Deus merece 100% e não 35%. Não podemos nos acostumar com menos do que o tudo para um Deus que nos tem dado tudo.

“Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Mateus 6:19-21).

Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez
Pastor Titular da Igreja Batista Betel
prgimenez@ibatistabetel.org.br
www.prgimenez.net